

LEITURA, GÊNEROS TEXTUAIS E NOVAS TECNOLOGIAS

Luana Gomes Pereira*

Resumo: As novas tecnologias, hoje, abarcam todas as áreas de conhecimento. Com isso, novos gêneros textuais surgem a partir das necessidades dos leitores. É preciso que os professores estejam a par das novas mídias e utilizem os novos gêneros para inserir a educação nessas diferentes formas de ler e escrever. Este artigo pretende discutir o uso de novos gêneros dentro das novas tecnologias e o ensino de leitura nas escolas, através da mediação do professor. Para isso, apresentamos a definição de gênero textual aqui utilizada e os gêneros textuais mais presentes nas novas mídias, por exemplo, um *site* ou um *e-mail*, como novas ferramentas de aprendizagem para os alunos. Veremos a influência das novas tecnologias no letramento, como costumam ser vistas pelos educadores e como devem ser utilizadas, partindo da consideração de que há múltiplos letramentos. E discutiremos o fazer do professor para a inclusão de novas fontes de conhecimento na sala de aula e seu papel de facilitador da aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Letramento. Gênero textual. Mídia. Ensino.

1 Introdução

Nos dias atuais, a tecnologia fornece vários tipos de mídia amplamente utilizados em todo o mundo, apresentando informação sobre inúmeras áreas de conhecimento. Milhares de pessoas possuem diferentes aparatos tecnológicos como computador e celular, muitas delas com acesso à Internet. Assim, o homem se vê inserido em um mundo multicultural. Como consequência, a vida passa a ter dimensões digitais e virtuais, nas quais vários gêneros são veiculados e incorporam-se gradativamente no cotidiano.

Com o surgimento, crescimento e rápida difusão de novas tecnologias, a cada dia de mais fácil alcance, temos um novo entendimento das práticas discursivas e de letramento. Tal fato pode ser enriquecedor no contexto educacional, pois as mídias se constituem como um possível e eficiente canal para a prática pedagógica.

Há alguns anos, as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) eram vistas preconceituosamente como um elemento que iria “matar a escrita e a leitura”, o que faria com que os usuários perdessem a sua prática (ECO, 1996). No entanto, o que ocorre é uma maior diversidade em relação às formas de ler e escrever. Com o advento dessas novas tecnologias, vários gêneros textuais surgem para atender às necessidades de seus usuários, e os gêneros

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



textuais mais presentes nas novas mídias, por exemplo, um *site* ou um *e-mail*, podem ser entendidos como novas ferramentas de aprendizagem para os alunos.

Sendo assim, o uso dessas tecnologias requer um letramento anterior, para que novas concepções de leitura sejam criadas. Para isso, é importante que o professor esteja a par das mudanças sociais e culturais apresentadas pela inserção das novas tecnologias em nosso cotidiano e saiba utilizá-las em favor do ensino para a construção de aprendizagem significativa por parte de seus alunos.

Neste trabalho, discutiremos como os novos gêneros se apresentam nas mídias, abordando as concepções que permeiam os novos suportes. A partir deles, veremos a relação entre letramento e as novas tecnologias, considerando a multiplicidade de leituras presente neste novo espaço e, por fim, refletiremos sobre o papel do professor dentro desta nova perspectiva de letramento, apresentando como a tecnologia pode favorecer a inclusão de novos conhecimentos em sala de aula.

A seguir, veremos as referências utilizadas na definição de gênero textual, o processo de surgimento de novos gêneros e suas relações com a utilização das novas mídias no mundo atual.

2 Os gêneros textuais das novas mídias

Para tratar sobre gênero textual, baseamo-nos em um modelo funcionalista da linguagem e na definição de gênero textual proposta por Bakhtin (1992), sendo a mesma perspectiva encontrada em Marcuschi (2002).

Os gêneros textuais são eventos sociais com grande maleabilidade, oriundos das necessidades e das atividades socioculturais de cada comunidade, influenciados pelas inovações tecnológicas. Com isso, percebemos a importância de ensinar língua estrangeira em diferentes suportes, cada um com seus gêneros característicos.

Conforme apresentado em Pereira (2008), Bakhtin (1992) foi um dos primeiros a apresentar a noção de gênero textual tal como a entendemos hoje e utilizamos neste trabalho, a qual chamou de “gêneros do discurso”. Para ele, os gêneros textuais são inúmeros quanto a sua diversidade, pois se relacionam à própria atividade humana. Podemos perceber sua afirmação no seguinte trecho:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada



uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1992, p. 34).

Segundo Pereira (2008), os gêneros textuais são estruturas dinâmicas moldadas a partir das necessidades discursivas dos interlocutores. Sua criação e mudança está atrelada às mudanças sociais e culturais. Esta proposição também pode ser encontrada na definição de gênero textual dada por Marcuschi (2002, p.78):

[...]usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Desta forma, podemos perceber a variedade dos gêneros textuais, que podem ser encontrados em inúmeras formas de comunicação, tais como em um e-mail, um bilhete, uma canção, um *outdoor*, que constituem gêneros textuais diferentes. Cada um deles é utilizado em um contexto e uma prática social específicos e se modifica de acordo com o surgimento das necessidades da atividade humana. Marcuschi (2002, *apud* PEREIRA, 2008) afirma que os “novos gêneros” possuem velhas bases. Ou seja, as inovações tecnológicas que surgem a todo instante favorecem o surgimento de novos gêneros. Juntamente com o avanço da tecnologia, surgem formas inovadoras, mas não totalmente novas, pois há a assimilação de propriedades de um gênero na formação de outro, criando formas híbridas. Não raro, a relação oral *versus* escrito apresenta objetivos novos e, sob essa relação, Marcuschi esclarece que: “i) as formas; ii) as funções e iii) o suporte e os ambientes em que surgem os textos determinam o gênero” (PEREIRA, 2008).

Importante explicitarmos aqui a diferença que se estabelece entre *tipo textual* e *gênero textual*. Marcuschi entende que o *tipo textual* é representado pelo aspecto formal e estrutural da língua, como uma construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição. São considerados tipos textuais o que a tradição chama de narração, exposição, argumentação, descrição e injunção.

Na caracterização do *tipo textual* predominam sequências linguísticas típicas, e, quando definimos um determinado *texto* como “narrativo” ou “argumentativo”, estamos indicando o predomínio de determinadas sequências textuais de base, não o seu gênero.

Outra questão a ser levantada é o entendimento da Internet como um suporte, ou seja, o espaço no qual o gênero se realiza. A Internet é um grande veículo de comunicação e, com a



crescente facilidade de acesso para seus usuários, tende a ocupar um papel cada vez mais importante na transmissão de conhecimento e informação no mundo atual.

Nesta esfera, podemos encontrar vários gêneros, como, blogs, e-mails e sites – especialmente os sites de relacionamento, que abarcam várias possibilidades de comunicação. Nos sites de relacionamento, tais como Orkut, Facebook e Twitter (amplamente utilizados no Brasil) o usuário pode perceber claramente seu poder de manipulação da informação. Neles, o indivíduo pode inserir e, se desejar, excluir informações em vários formatos (texto, áudio, fotos e vídeos), além de comentar as atividades de outros participantes.

Considerando o grande volume de informação veiculada, a comunicação costuma ser informal e fluida, muitas vezes com a digitação de palavras abreviadas ou reduzidas, no registro comumente chamado de internetês.

Tendo como base os inúmeros gêneros textuais encontrados neste novo suporte, veremos a influência das novas tecnologias no processo de letramento e as consequências de da utilização desses recursos, com diferentes tipos de leitura - o que nos conduz a repensar o conceito de letramento.

3 Letramento: o espaço da escrita

O letramento se constitui num conjunto de práticas e condições individuais e sociais: a leitura de um mesmo texto pode ter interpretações diferentes a depender do contexto cultural, conhecimento de mundo, ou mesmo do suporte em que ele se apresenta. Segundo Kleiman, *apud* Soares (2002, p.144), o letramento pode ser definido atualmente como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

A leitura, enquanto processo intrinsecamente ligado à escrita, faz parte do desenvolvimento linguístico do indivíduo. Além disso, como afirmam MORO *et al.* (1999, p.13), o ato de ler “aglomera aspectos ideológicos, culturais e filosóficos que irão compor o pensamento humano, exigindo, conseqüentemente, uma posição crítica do ‘ser’ leitor”.

Atualmente, as crianças já nascem envolvidas com inúmeros aparatos tecnológicos, e o livro de papel, que costumava ser seu primeiro contato com a leitura, muitas vezes não o é mais. As crianças desde muito pequenas aprendem a “mexer” no mouse, nas teclas dos celulares e mais recentemente, dos tablets. Neste sentido, podemos perceber um novo processo de formação de leitores.



Nos suportes virtuais, a leitura também se transforma e adquire novas estruturas, significados e ações, promovendo mudanças nos modos de ler, analisar e entender um texto. O leitor passa a interagir com o autor e com o próprio texto, e sua atuação também interfere nos processos de interpretação.

Podemos, por assim dizer, afirmar que há diferenças entre a cultura do papel e a cultura da tela, chamada por Soares de “cibercultura” (SOARES, 2002, p. 143). Os suportes desta nova cultura determinaram novas organizações textuais e novas configurações visuais de páginas que mudaram a relação do leitor com o texto. Antes o corpo textual apresentava marcas, referências, notas de rodapé, títulos; hoje, temos o hipertexto, que pode apresentar imagens e sons através de links. A partir da seleção de links, o leitor tem autonomia sobre o texto, podendo ler de forma não linear, ou ainda lendo somente aquilo que o interessa, sem a necessidade de ver todo o texto. Além disso, em muitos sites, blogs e nas páginas das redes sociais é possível interagir com comentários e postagens de fotos e vídeos que complementam a informação veiculada.

Vale lembrar que o contato físico com o texto é alterado. Perdemos o manuseio de folhas de jornais e livros, para ater-nos à necessidade de outros elementos (tela, mouse, teclado) ao configurar e mudar de páginas. Muitos de nós, acostumados com os livros e jornais de papel, podemos considerar a leitura no computador ou em um gadget cansativa. Há também quem considere a informação veiculada por esses meios pobre em seu conteúdo (muitas vezes não fidedigna e inconsistente) e apresentada com tamanha frequência que leva à saturação rapidamente. Com isso, logo outra informação toma seu lugar e se começa um novo ciclo de leitura, com um período muito curto de reflexão sobre o assunto discutido – não raras vezes, de forma superficial.

No entanto, este tipo de percepção vem mudando com o crescimento das TICs. A tecnologia começa a ser vista como uma ferramenta de geração de novos conhecimentos, não limitando o aprendizado ao papel e à oralidade (lembramos da forma tradicional de ensino). Como consequência, cresceu também uma modalidade de ensino conhecida por EAD (Ensino a distância), cada vez mais aceita e difundida, ampliando a oferta de educação formal.

Mesmo com a presença da Internet, para muitos o livro continua sendo, e continuará por muito tempo, uma importante referência para o processo de aprendizado. Entretanto, ele também se adapta à nova realidade das mídias virtuais, e não perde seu encanto. Considerando o crescente aumento do uso da Internet no âmbito escolar, bem como a disponibilidade de várias obras literárias em texto integral que podem ser baixadas online –



algumas gratuitamente, podemos afirmar que a Internet está inserida no cotidiano estudantil, servindo aos alunos como importante ferramenta para a aprendizagem.

Deste modo, é interessante pensar em letramentos, no plural, como alguns autores já tendem a usar (SOARES, 2002, p. 155), visto que o fenômeno apresenta várias perspectivas, com práticas em diferentes suportes. Como afirma a autora,

[...] o confronto entre tecnologias tipográficas e digitais de escrita e seus diferenciados efeitos sobre o estado ou condição de quem as utiliza, sugere que se pluralize a palavra *letramento* e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes *letramentos*.

Há ainda quem chame este fenômeno de multiletramento, como explica Rojo (2004, p.31):

[...] ‘multiletramento’, aqui, significa que compreender e produzir textos não se restringe ao trato do verbal oral e escrito, mas à capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos, etc. – para delas tirar sentido.

Esse reconhecimento reflete os contextos de realização da língua – em princípio na sua modalidade escrita, porém, hoje, com diferentes utilizações também na modalidade oral e na comunicação visual e mesmo espacial – além de observar como se desenrola sua interação com o mundo. Com isso, entendemos que existem variados espaços de escrita, utilizados por meio de diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão, o que nos leva a defender que essas práticas têm por consequência variados letramentos.

A seguir, discutiremos o fazer do professor para a inclusão de novas fontes de conhecimento na sala de aula, a fim de enriquecer a prática pedagógica.

4 As novas tecnologias e a educação

As novas tecnologias trazem uma grande perspectiva para o ensino. As rápidas descobertas e mudanças no universo das mídias se refletiram no mundo da escola, tornando mais amplo os conceitos de alfabetização e de letramento (SILVA, 2008).

De acordo com Levy (1999, *apud* SOARES, 2002, p. 214), a cibercultura traz uma “*mutação da relação com o saber*”. Para este autor, “o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”, assim como a memória humana, que “se encontra tão objetivada em dispositivos automáticos, tão separada do corpo dos indivíduos ou dos hábitos coletivos que nos perguntamos se a própria noção de memória ainda é pertinente” (LÉVY, 1993); também



como a imaginação, que se enriquece com as simulações e como a percepção, que é aumentada com os sensores digitais, as realidades virtuais.

Segundo Soares (2002), atualmente, a cultura do texto eletrônico traz uma nova mudança no conceito de letramento. Para a autora, em alguns aspectos essenciais, a nova cultura do texto eletrônico traz de volta características presentes na cultura do texto manuscrito: como este, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Não é considerado estável porque, tal como os copistas e os leitores frequentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem interferir neles, acrescentando, alterando, mostrando seus próprios caminhos de leitura; não é monumental, pois, por sua característica de não estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, não permanente e mutável; é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido.

Apesar dessas características, é possível selecionar aquilo que é conveniente e relevante para cada leitor. Cabe ao educador não descartar esse novo tipo de comunicação e melhorá-la em favor do aprimoramento das competências comunicacionais dos estudantes ao longo de sua trajetória escolar. Cervera (apud TALLEI, 2011, p. 42), afirma que o professor do século XXI deve apresentar uma dimensão tripla: saber (dimensão cognitiva-reflexiva); saber fazer (dimensão efetiva) e saber ser (dimensão afetiva). Sendo assim, as novas tecnologias podem ser utilizadas pelo professor na construção de projetos pedagógicos, a fim de conduzir os alunos a uma forma de aprendizagem cada vez mais autônoma. Para tal, é preciso saber gerenciar os recursos que as tecnologias oferecem.

Além disso, em termos de sequências pedagógicas em direção ao aprofundamento de conteúdos ou temas, o professor deve possuir conhecimento e sensibilidade para decidir selecionar quais recursos levará para sala de aula, sabendo por que, para que e para quem os leva. Assim, levará os seus alunos à melhor compreensão dos conteúdos ou assuntos a serem estudados.

Com o uso das TICs, fundamentado numa concepção de aprendizagem construtivista, entendemos o aluno não mais como um mero receptor do conhecimento, mas como sujeito ativo, que pode ser autor e editor dos conteúdos presentes nas mídias, o que facilita a aplicação de vários conteúdos linguísticos e permite, até mesmo, uma reflexão sobre sua própria aprendizagem.



Desta forma, o professor é conduzido a novas formas de pensar e de atuar em sala de aula, pois precisa refletir sobre o papel dessas ferramentas no ensino e como elas podem ser inseridas em classe. Para isso, faz-se necessário um bom planejamento de aula, com o conhecimento dos efeitos de cada meio de comunicação neste ambiente, a fim de propiciar aos estudantes uma aprendizagem significativa, sem que os alunos se dispersem com outras atividades diferentes do conteúdo proposto e que não sejam interessantes para o momento.

Aqui entendemos por aprendizagem significativa a proposta de aprendizagem escolar e a instrução formuladas por Ausubel (1982, apud PELIZZARI *et al*, 2001). Segundo o autor, o conteúdo escolar deve ser potencialmente significativo para o aluno. Cada um tem uma organização cognitiva, e quanto mais consegue relacionar o conteúdo apresentado pelo professor de modo substancial e não arbitrário com algum aspecto da sua estrutura cognitiva prévia que lhe for relevante, mais próximo estará da aprendizagem.

Portanto, a responsabilidade do professor ganha outros sentidos, pois exige do educador conhecimentos além do conteúdo de sua disciplina. É preciso conhecer as novas ferramentas de comunicação e incorporá-las, para adaptá-las a sua prática pedagógica. Deste modo, poderá atuar de forma mais efetiva no ensino de língua e linguagens, atendendo às demandas sociais e comunicativas globais. Não há mais como ignorar o uso dessas inovações tecnológicas e sua influência no ensino, e é papel do professor auxiliar seus alunos a se posicionar frente ao dinamismo do mundo contemporâneo (SILVA, 2008).

Para que o uso de novas tecnologias seja produtivo e promova aprendizagem significativa, é preciso que o material a ser utilizado também seja significativo. Isso exige do professor uma postura crítica frente às necessidades educacionais de seus alunos. A educação atual está cada vez mais aberta à inserção de TICs na prática dos professores, atendendo às grandes mudanças sociais e culturais vividas na chamada sociedade da informação e do conhecimento. Apenas é preciso que os professores estejam preparados para compreender essas mudanças e inseri-las como fonte de aprendizado em sala de aula, para uma formação mais completa de seus alunos.

5 Considerações finais

As novas tecnologias, hoje, abarcam as mais variadas áreas de conhecimento. Com isso, novos gêneros textuais surgem a partir das necessidades dos leitores. É preciso que os professores estejam a par das novas mídias e utilizem os novos gêneros para inserir a educação nessas diferentes formas de ler e escrever.



Com a utilização de novos gêneros nos mais diversos suportes, percebemos hoje a existência não de um letramento, mas sim diferentes letramentos. Isso porque há vários contextos de realização da língua, que exigem variadas interpretações e, a depender da atuação de cada indivíduo na comunicação, criamos uma nova relação com a informação e com o mundo.

Neste contexto, o professor assume um papel de facilitador da aprendizagem, levando o aluno à construção e entendimento dessas novas formas de letramento, e fazendo-o enxergar-se como sujeito ativo do conhecimento. Assim, o educador contribuirá para que o aluno alcance uma aprendizagem significativa.

É importante que as novas mídias possam contribuir ao letramento integral - ou letramentos - dos alunos envolvidos, através do engajamento discursivo e do desenvolvimento de consciência crítica sobre seu próprio aprendizado, alcançados com o apoio do professor.

READING, TEXTUAL GENRES AND NEW TECHNOLOGIES

Abstract: New technologies today cover all areas of knowledge. Therefore, new kinds of texts arise from the needs of readers. We need teachers to be aware of new media and using new genres to include education in these different ways of reading and writing. This article aims to discuss the use of new genres in the new technologies and the teaching of reading in schools, through the mediation of the teacher. For this, we present the definition of genre used here and the kinds of texts more present in new media, for example, a site or an e-mail, and new learning tools for students. We will see the influence of new technologies in literacy, how it is understood by teachers and how to use them, considering that there are multiple literacies. We will discuss the making of teachers for the inclusion of new sources of knowledge in the classroom and their role as a facilitator to the significant learning.

Key-words: Literacy. Textual genre. Media. Teaching.

Referências

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ECO, U. **From Internet to Gutenberg**. Palestra apresentada na Italian Academy for Advanced Studies in America em 12 de novembro de 1996. Disponível em: <http://www.italianacademy.columbia.edu/pdfs/lectures/eco_internet_gutenberg.pdf>. Acesso em 20 fev. 2012.

LEVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. São Paulo. 2000. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.



MOURO, E., SOUTO, G. & ESTABEL, L. **A influência da Internet nos hábitos de leitura do adolescente**. Em: <www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/313.pdf>. Acesso em 01 mar. 2012.

PELIZZARI, A., KRIEGL, M.L. ET AL. Teoria Da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel. **Revista PEC**, Curitiba, V. 2, Nº1, P. 37-42, Jul.2001-Jul.2002.

PEREIRA, L.G. Condicionalidade em jornais. In: V CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ – SÃO GONÇALO. 2008. São Gonçalo. **Anais...** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/v/completos/comunicacoes/Luana%20Gomes%20Pereira.pdf>>. Acesso em 02 mai. 2012.

ROJO, R.H. R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas do Ensino Médio. **Orientações curriculares do Ensino Médio**. Brasília, 2004.

SILVA, E. **Aceleração tecnológica e vida de professores**. Disponível em: <www.alb.com.br/ensaios (Associação de Leitura do Brasil) em 10/05/08>. Acesso em 28 dez. 2011.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

TALLEI, J. Las nuevas tecnologías de información y comunicación en ELE: algunas consideraciones. In: **Revista New Routes**, vol. 43, jan./11, páginas 42-44. São Paulo: Disal, 2011.